

O Espiritismo e a Ressurreição de Lázaro

Propomo-nos a analisar o texto “O Espiritismo e a Ressurreição de Lázaro” que consta no site do CACP, cujo link transcrevo <http://www.cacp.org.br/o-espirtismo-e-a-ressurreicao-de-lazaro/>. As palavras do articulista estarão destacadas, enquanto que os meus comentários estarão intercalados em preto. Sendo assim, vamos ao que na verdade interessa.

A palavra oficial do Espiritismo sobre a ressurreição de Lázaro é a seguinte:

“Há, pois, toda a probabilidade de que, nos dois exemplos acima citados [o filho da viúva de Naim e a filha de Jairo] apenas houve síncope e letargia... Dado o poder fluídico que possuía Jesus, nada há de espantoso que o fluído vivificante, dirigido por uma forte vontade, haja reanimado os sentidos entorpecidos; e mesmo que ele tenha podido voltar ao corpo o Espírito prestes a deixá-lo, enquanto o liame perispiritual não estivesse definitivamente rompido. Para os homens daquele tempo, que julgavam estar o indivíduo morto, desde que não respirasse mais, houve ressurreição... porém, houve na realidade cura, e não ressurreição, na acepção da palavra. A ressurreição de Lázaro, digam o que disserem, não invalida de modo nenhum esse princípio. Diz-se que ele já estava há quatro dias no sepulcro; mas sabe-se que há letargias que duram oito dias, e mesmo mais. Acrescenta-se que ele cheirava mal que é um sinal de decomposição. Essa alegação não prova nada, visto que em certos indivíduos há decomposição parcial do corpo, mesmo antes da morte, e exalam odor de apodrecimento. A morte não chega senão quando os órgãos essenciais à vida são atacados. E quem podia saber se ele cheirava mal? É sua irmã Marta que o diz; mas como sabia? Lázaro se achava enterrado há quatro dias, ela supunha isso, mas não podia ter certeza” (A Gênese, Allan Kardec, Cap XV, n. 39 e 40).

Allan Kardec trabalhou em cima de probabilidades ao afirmar que Lázaro fora enterrado vivo. Aliás, foi inadequado o uso do termo “enterrado”, que significa sob a terra. Pela descrição bíblica, o corpo foi colocado numa abertura na rocha (Jo 11.38), a exemplo do sepultamento de Jesus.

Mais uma vez analisando os artigos do referido site, nos deparamos, no mínimo estranhamente, com mais uma colcha de retalhos dos escritos das obras espíritas, visto que a sua citação esconde o real teor do que foi abordado por Kardec. No capítulo XV, itens 39 e 40, transcritos no presente artigo temos verdadeiramente em “A Gênese”:

39 - O fato do retorno à vida corpórea, de um indivíduo realmente morto, seria contrário às leis da Natureza e, por conseguinte, miraculoso. Ora, não é necessário recorrer a essa ordem de fatos para explicar as ressurreições operadas pelo Cristo.

Se, entre nós, as aparências enganam, às vezes, os profissionais, os acidentes dessa natureza deveriam ser bem frequentes num país onde não se tomava nenhuma precaução, e onde o sepultamento era imediato¹. Há, portanto, toda a probabilidade de que, nos

¹ Ver Atos dos Apóstolos Cap. 5, v. 5 e seguintes.

dois exemplos acima (o filho da viúva de Naim e a filha de Jairo), não havia senão síncope ou letargia. **O próprio Jesus disse-o, positivamente, da filha de Jairo: *Esta jovem, disse ele, não está morta, ela não está senão adormecida.***

Em consequência da força fluídica que Jesus possuía, nada é de admirar que esse fluído vivificante, dirigido por uma forte vontade, haja reanimado os sentidos entorpecidos; que haja mesmo podido chamar, para o corpo, o Espírito prestes a deixá-lo, enquanto o laço perispiritual não estava definitivamente rompido. Para os homens desse tempo, que acreditavam o indivíduo morto desde que não mais respirasse, havia ressurreição e puderam afirmá-lo com muita boa fé, mas havia, em realidade, *cura* e não ressurreição na acepção da palavra.

40 - A ressurreição de Lázaro, o que quer que se diga, não infirma de nenhum modo esse princípio. Estava, diz-se, há quatro dias no sepulcro; mas sabe-se que há letargias que duram oito ou mais. Acrescenta-se que ele cheirava mal, o que é um sinal de decomposição. Essa alegação não prova nada, não mais, tendo em vista que, entre certos indivíduos, há decomposição parcial do corpo, mesmo antes da morte, e que exalam um odor de podridão. A morte não chega senão quando os órgãos essenciais à vida são atacados.

E quem poderia saber se ele cheirava mal? Foi a sua irmã Marta que o disse, mas como o sabia ela? Estando Lázaro enterrado há quatro dias, ela o supunha, mas disso não podia ter certeza. (KARDEC, 2008, p. 218-219).

Pudemos perceber o verdadeiro teor da ideia de Kardec. Vejamos agora um comentário interessante do estudioso Morel Wilkon em que ele nos elucida oportunamente sobre mais alguns mal entendidos por parte de um opositor:

Antes de mais nada, o autor da crítica, diz que Allan Kardec usou termo inadequado "enterrado". Se houve erro, foi por parte da tradução, já que no francês enterrar e sepultar são a mesma coisa, sem distinção. Se procurarmos pela palavra "sepultado" em qualquer dicionário de francês, encontraremos o resultado "enterré", que foi utilizado por Allan Kardec. Mas acho que isso pode ser irrelevante. A palavra "morte", em grego, é "thánatos", que tem a mesma raiz do verbo "morrer", em grego "pethaíno". No texto original grego o verbo utilizado para dizer que Lázaro "morreu" é

"apéthanen" indicativo aoristo ativo na terceira pessoa do singular do verbo "pethaíno".

De acordo com o Dicionário etimológico da língua grega (edição francesa), de Émile Boisacq, professor da Universidade de Bruxelas, a palavra grega "thánatos" vem do sânscrito e significa, originalmente, "enveloppé", "sombre", ou seja, envolto, escuro. Só adquiriu o significado de MORTE por analogia, assim como, nos textos gregos, utilizam-se os eufemismos DEITAR-SE significando morrer e LEVANTAR-SE significando ressuscitar.

No verso 4 o próprio Jesus diz que esta enfermidade não é para morte; como, então, Lázaro estaria morto? Lázaro não estava morto, estava, como diz o significado original da palavra grega "thánatos", "envolto na escuridão", ou em estado letárgico ou semelhante. (WILKON, M. F. Mensagem por e-mail)

Grifamos as partes em negrito acima, pois, como bem veremos mais adiante, o estimado opositor usou de um jogo de palavras para induzir o seus leitores a acreditarem que Kardec ao dizer que “o conceito de ressurreição aplica-se a Lázaro” estaria de alguma forma entrando em concorde com a tese protestante, aqui estudada, de que o corpo de Jesus voltou à vida. Aliás, esse é até um artifício bem comum deste site, como já pudemos notar em outras oportunidades. Assim, caros leitores, em momento algum, Kardec se contradisse e, muito menos, concordou que Lázaro ressuscitou como pretendeu o articulista. Muito pelo contrário, a ressurreição da carne, segundo Kardec, é um fato miraculoso, e, assim, contrário às leis da natureza. Como as Leis de Deus são imutáveis, conforme o entendimento espírita e a logicidade do bom senso, tal fato seria uma transgressão de Sua lei; por isso, impossível de se acontecer.

Mais a frente, retornaremos a este ponto. Por hora, acreditamos que alguns equívocos tenham sido esclarecidos.

Os homens daquela época até poderiam se enganar, mas Jesus tinha certeza de que Lázaro estava morto. O relato bíblico contraria as conclusões de Allan Kardec. Vejam:

(1) “Então disse Jesus claramente: Lázaro está morto” (Jo 11.14).

Perdão pela redundância, mas se Jesus disse que Lázaro estava morto é porque Lázaro estava de fato morto. Quem além de Jesus poderia dar um diagnóstico preciso? Seria o caso de quase dois mil anos depois o Espiritismo apresentar versão diferente?

Ninguém poderia dar um diagnóstico melhor que Jesus. Isto é evidente para nós espíritas. O que não podemos, de forma alguma, é aceitar que contradigam as palavras do mesmo e esta narrativa é um exemplo lamentável de mais uma contradição ou, no mínimo, de má interpretação. Ora, sabemos que “a verdade não pode advir de coisas que divergem”. Portanto, ou Lázaro estava morto ou não estava. Ou Jesus disse que ele estava morto ou não disse. Como podemos ver, o prezado detrator se esqueceu de relatar alguns pontos da narrativa, pontos esses imprescindíveis para o entendimento global da questão. Vamos contextualizar a passagem em João:

João 11,1-44:

“Um tal de Lázaro tinha caído de cama. Ele era natural de Betânia, o povoado de Maria e de sua irmã Marta... Então as irmãs mandaram a Jesus um recado que dizia: 'Senhor, aquele a quem amas

está doente'. Ouvindo o recado, Jesus disse: 'Essa doença não é para a morte, mas para a glória de Deus, para que o Filho de Deus seja glorificado por meio dela'. Jesus amava Marta, a irmã dela e Lázaro. Quando ouviu que ele estava doente, ficou ainda dois dias no lugar onde estava. Só então disse aos discípulos: 'Vamos outra vez à Judeia'.... Jesus... acrescentou: 'O nosso amigo Lázaro adormeceu. Eu vou acordá-lo'. Os discípulos disseram: 'Senhor, se ele está dormindo, vai se salvar'.

*Jesus se referia à morte de Lázaro, mas os discípulos pensaram que ele estivesse falando de sono natural. Então **Jesus falou claramente para eles: 'Lázaro está morto. E eu me alegro por não termos estado lá, para que vocês acreditem. Agora, vamos para a casa dele'. Então Tomé, chamado Gêmeo, disse aos companheiros: 'Vamos nós também para morrermos com ele'.***

Quando Jesus chegou, já fazia quatro dias que Lázaro estava no túmulo. Betânia ficava perto de Jerusalém; uns três quilômetros apenas... Quando Marta ouviu que Jesus estava chegando, foi ao encontro dele... disse a Jesus: 'Senhor, se estivesse aqui, meu irmão não teria morrido...' Jesus... disse: 'Onde vocês colocaram Lázaro?' Disseram: 'Senhor, vem e vê'. ... Jesus... chegou ao túmulo. Era uma gruta, fechada com uma pedra. Jesus falou: 'Tirem a pedra'. Marta, irmã do falecido, disse: 'Senhor, já está cheirando mal. Faz quatro dias'. Jesus disse: 'Eu não lhe disse que, se você acreditar, verá a glória de Deus?' Então tiraram a pedra. Jesus levantou os olhos para o alto e... gritou bem forte: 'Lázaro, saia para fora!' O morto saiu...".

Esta passagem (assim como muitas outras) é cheia de problemas.

Primeiro: assusta-me, como a muitos estudiosos (não que eu seja!) também, o fato de um milagre tão extraordinário aparecer tão somente no evangelho de João, escrito a cerca de sessenta anos após à morte de Jesus, na Ásia Menor, por um homem conhecido como *João, o ancião*.

Segundo: Lázaro não fala nesta passagem e, como sabemos, a sociedade era patriarcal e isto, por conseguinte, denota estranheza. Na verdade, Lázaro não esboça qualquer tipo de emoção ou reação no desenrolar dos fatos, o que é, também, muito interessante e ao mesmo tempo estranho para nós.

Terceiro: temos um problema nas falas de Jesus: uma hora ele diz “*Essa doença não é para morte*” e “*o nosso amigo Lázaro adormeceu*”. Posteriormente o mesmo diz que “*Lázaro está morto*”. Assim, temos dois diagnósticos de Jesus. A qual deles recorrer? O significado da palavra adormecer não é o mesmo de estar morto. Então não se pode dizer que quando Jesus disse que Lázaro adormeceu, ele estaria querendo dizer que, na verdade, ele estava morto.

Quarto: temos uma suspeita de acréscimo na narrativa, o que não seria nenhum absurdo pensarmos, visto que tanto o Evangelho quanto as Escrituras sofreram deturpações ao longo dos tempos. Segundo SOBRINHO P. N. (2012), se lermos os versículos do 1 ao 12 e depois irmos direto para os 17 ao 44, veremos que o texto fica totalmente inteligível, como se nada lhe tivesse sido acrescentado. Você, caro leitor, pode fazer essa experiência que, tendo “olhos de ver”, demonstrará para você algo que é bem claro para nós. Logo, a narrativa do versículo 13 ao 16 torna-se solta, fugindo da realidade em questão, e não precisamos ser nenhum especialista para notarmos isto.

Quinto: temos um adendo a fazer em relação à devida tradução da palavra “morto”.

Aliás, esses problemas de tradução, em grande parte das bíblias em português, são correntes; vejamos o que Carlos Torres Pastorino nos trás referente a este versículo comungando com o que citamos de Morel Wilkon anteriormente:

*Diante da incompreensão absoluta dos discípulos, o Mestre vê que tinham que ser tratados como profanos. Então fala ăbertamente: "Lázaro morreu"(apéthanen, do verbo apotnêskô, derivado de thnêskô, da mesma raiz que thánatos; essa raiz tomou o sentido, em grego, de **horrer**;" embora o significado original do*

sânscrito de onde provém, dhvantá, seja Roberto, velado, escuro"- cfr. Émile Boisacq, 'Dictionnaire Etimologique de la Langue Grecque,' Heidelberg, 1950, págs. 333; e Sir Monier Monier-Williams, 'A Sanskrit-English Dictionary,' Oxford, 1960, pág 252). (PASTORINO, 1969, p.108)

Esclarecido mais este ponto, podemos prosseguir com as afirmações do articulista.

(2) Jesus disse a Marta: “Teu irmão há de ressuscitar” (v.23).

Ressuscitar significa voltar a viver. Kardec sabia disso ao dizer, como acima, “porém, houve na realidade cura, e não ressurreição, na acepção da palavra”. Jesus estava falando exatamente de ressurreição.

O significado bíblico da palavra “ressurreição” é bastante controverso. É certo que o dogma tradicional das igrejas ditas cristãs proclama a ressurreição como sendo do corpo, ou melhor, da carne. Todavia, temos mais um problema, pois faltam-nos elementos para concluirmos que a ressurreição da qual Jesus fala seja a da carne, porquanto algumas outras passagens bíblicas contradizem essa visão. Jesus é claro quando diz em (Lc 20,34-36): “*As pessoas deste mundo se casam. Contudo, as que são julgadas dignas de ter parte naquele mundo e na ressurreição dos mortos, lá não se casam. E já não podem morrer outra vez, porque são iguais aos anjos e filhos de Deus, sendo participantes da ressurreição*”.

“Assim, se são iguais os anjos, evidentemente o que ressuscitará é o espírito, visto que anjos são seres espirituais. Jesus ainda afirma: “*O espírito é que dá vida, a carne de nada serve*” (Jo 6,63)”. Dessa forma, podemos reiterar o que dissemos acima. Para maiores informações ver o texto “Ressurreição, o significado bíblico” de Paulo da Silva Neto Sobrinho.

Acreditamos, também, antes, que a melhor tradução para a palavra *anastasis*, dentro do contexto da narrativa de João, seja *reerguer*. A justificativa para tal assertiva é até simples. Sabemos, e esse saber é fruto de uma pesquisa a parte, a qual não é nosso foco no momento², que um dos significados judaicos da palavra *ressurreição* é reencarnacionista, tal como várias passagens bíblicas asseveram, como verificamos em Lc 9,7-9 e Lc 9,18-19. Josepho em “História dos Hebreus” também nos fala sobre isto. O outro significado para esta palavra é a **ressurreição para o Mundo Vindouro (Haolan Rabá)**, conforme Ez 37. Jesus segrega estes dois entendimentos na referida passagem quando explica que despertará Lázaro de seu sono [letárgico].

Portanto, *anastasis* com a acepção de *reerguer* torna-se mais entendível que na de *ressuscitar*, termo este que é usado pelas convenções protestantes e católicas. Este versículo estaria melhor traduzido, então, dessa forma, segundo Pastorino: “**Disse-lhe Jesus: "Teu irmão reerguer-se-á".**” Com isso, esperamos ter esclarecido mais este ponto e termos desmistificado o entendimento de que Lázaro ressuscitou tal como é apregoado no referido artigo.

Prosseguindo com as afirmações do prezado articulista, temos que:

(3) Disse Jesus: “Eu sou a ressurreição e a vida; quem crê em mim, ainda que esteja morto, viverá” (v.25).

Se fosse apenas uma letargia, por que Jesus enfatizou que a irmã de Lázaro “veria a glória de Deus”? (v.40). Para curar um homem de letargia precisaria invocar a glória de Deus? Essa

²http://www.apologiaespirita.org/apologia/artigos/025_Ressurreicao_o_significado_biblico.pdf.

declaração, todavia, indicava que Marta estava prestes a presenciar um grande milagre. Além disso, a Bíblia registra que “o defunto saiu” do sepulcro (v. 44). Segundo o Dicionário Aurélio, defunto quer dizer “pessoa que morreu; morto”.

Por outro lado, Carlos Torres Pastorino, em sua obra “Sabedoria do Evangelho”, tece alguns comentários a cerca da passagem transcrita. Vejamos:

As traduções correntes dão literalmente a transferência da frase: "a ressurreição E a vida". No entanto, sentimos de modo indiscutível que estamos diante de uma *hendíades*. E o principal motivo que nos leva a compreender assim é a lógica, isto é, o sentido das palavras e da ideia (além da confirmação que encontraremos no vers. 42). Vejamos.

O termo "ressurgimento" (*anástasis*) exprime exatamente o reerguimento ou ressurgimento, isto é, a volta de alguma coisa que se levanta, e que "outra vez" (*aná*) "fica de pé" (*stásis*). Ora, o que "novamente fica de pé" é a vida, que se retirara, deixando o corpo cair por terra. Então, entendemos a frase: "eu sou o que faz a vida ficar de novo em pé", ou seja: "eu sou o ressurgimento DA vida".

O que encontramos nas traduções correntes é uma redundância: "sou o ressurgimento E a vida". Só pode entender-se, por conseguinte, como *hendíades*: sou o retorno da vida (que esse era precisamente o caso em questão). O corpo de Lázaro havia cessado de viver; o Mestre o faria ressurgir, ou reerguer-se, fazendo-lhe voltar à vida: tenho o poder de fazer reviver um corpo morto.

Isso, porém, não significava ser Ele A VIDA, o que vem confirmar nossa hipótese, de recusar as traduções vulgares. Mesmo na concepção católico-romana, de que Jesus, como segunda "pessoa" da Trindade, era Deus, mesmo assim não seria "a vida", atributo do DEUS ABSOLUTO (o Espírito Santo) ou, na teoria deles, o Pai. Tanto que o próprio João (1:4) escreveu: "Nele estava a Vida", e não "ele era a vida".(PASTORINO, 1969, p. 100-101).

Outro dado bastante interessante é o que Morel Wilkon ainda nos trás:

Na passagem de João 11:23 a palavra normalmente traduzida como “ressucitará” é “anastésetai”, indicativo futuro, voz média, terceira pessoa do singular do verbo “anistamai”. Este verbo é formado pelo prefixo “aná”, com o

sentido de repetição, e “stásis”, que designa estado. O verbo “anistamai” ou “anistêmi” tem uma palavra próxima na língua portuguesa que é “anístia”. Anístia dá a ideia de situação anterior. [...] A mesma ideia nos oferece a palavra “anistêmi”. Quem deitou, reergue-se. Usava-se um eufemismo para designar a morte, referindo-se a ela como “deitar-se”.

No passo citado, temos ainda mais uma questão controversa. Trata-se da tradução da palavra “glória”. Afinal, de que espécie de glória estamos falando? Jesus teria algum motivo para a busca de uma glória qualquer? Deus teria? Por quê? Pra quê?

“Quanto à observação de que Jesus não precisaria invocar a glória de Deus para curar um homem de letargia, o caro articulista esquece-se de que o mais importante, nesse passo, foi o fato de Jesus saber que Lázaro não havia morrido, mas, simplesmente estaria em um estado letárgico; o “milagre”, neste caso, está justamente no fato de Jesus saber que Lázaro ainda não havia morrido; nesse caso, ele só escapou da morte porque Jesus mandou retirar a tampa do sepulcro; caso Jesus não tivesse mandado tomar essa providência, fatalmente, Lázaro teria morrido; ou Jesus não tinha poderes de saber que Lázaro ainda não havia morrido?”

(vide At 9,36-42 e At 20,9-12) para acrescentar algo se achar necessário para o seu entendimento. Veja que no caso das ressuscitações feitas por Pedro e Paulo não se fala em glória de Deus; no caso de Pedro apenas é dito que “muitos creram no Senhor”. No caso de Paulo, apenas que os seus ouvintes ficaram muito animados.

Apreciemos mais um comentário de Torres Pastorino sobre isto:

Jesus não se altera: "não te disse que, se creres, verás a substância de Deus"? Aqui, realmente, não há melhor tradução para dóxa do que "substância" (Cfr. Odon Casel, °S.B., .Le Mystère du Chri, pág. 249). Porém no versículo 4 acima, não cabe essa tradução mas apenas "reconhecimento". Já vimos a razão lógica. Agora vemos a confirmação dessa nossa assertiva, quando Jesus diz, agradecendo ao Pai por ouvi-Lo, como sempre, para que "o povo circundante creia que me enviaste": exatamente! Jesus não buscava "glória" alguma, mas apenas queria ser RECONHECIDO como o Enviado do Pai. O objetivo era esse, para que Sua missão não se perdesse no vácuo do "eu não sabia"! ... ou "se eu soubesse"! (PASTORINO, 1969, p. 104).

Outro problema que podemos identificar na fala do caro articulista é que o seu discurso, assim como o discurso do protestantismo e das outras correntes cristãs em si, é banhado pelo antropomorfismo da divindade. Há cabimento pensarmos que um Ser Grandioso, eterno, imutável, onisciente, onipresente, onipotente, supremo e etc. pode ofender-se conosco; procurar uma glória qualquer, visto que muitos de nós, seres humanos, nem a procuramos? Absolutamente não, caro articulista e prezados leitores. Deus não pode ser diminuído a tal ponto. As falas de Jesus estiveram adaptadas para o entendimento daquele povo e isto é claro quando o mesmo diz que “ainda há

muito para vos dizer, mas não podeis suportar agora”. Em outras palavras, JESUS NÃO NOS DISSE TUDO e tudo o que ele falou estava de acordo ao estágio intelectual da humanidade naquela época. Por outro lado, essas palavras foram objeto de “malabarismos teológicos” para adaptação da Bíblia aos interesses e dogmas das maiores religiões.

E como se não bastasse, pergunto: como se invoca a “Glória de Deus”? Então quer dizer que Deus, supremo, imutável, onisciente, onipresente, onipotente e etc. além de querer ou precisar de uma glória qualquer, está sujeito à possibilidade de invocarmos a sua glória? Segundo o dicionário Aurélio, a palavra “glória” significa: honra, fama, renome, celebridade que se alcança pelas virtudes, talentos, boas ações etc.: conquistar a glória. / Beatitude celeste: a glória do reino de Deus. / Fausto, grandeza. / Homenagem, exaltação. / Auréola, halo, resplendor que simboliza a santidade (pintura, escultura ou decoração). // Jogo da glória, jogo de dados em que os parceiros percorrem com um tento uma faixa disposta em tabuleiro.

Agora, pensemos, por que Deus haveria de querer glória, aderindo à tese de Pastorino?

Agora ouçam o seguinte. Para o kardecismo, Jesus foi:

- (a) Um espírito muitíssimo evoluído que atingiu o mais elevado grau de perfeição.
- (b) “Um iniciador da mais pura, da mais sublime moral evangélico-cristã, que há de renovar o mundo, aproximar os homens e torná-los irmãos...”.
- (c) Um homem que veio ensinar a JUSTIÇA de Deus;
- (d) Um homem que veio ensinar TODAS AS VERDADES, porque “no Cristianismo se encontram todas as verdades”.
- (e) Jesus foi “A Segunda Revelação de Deus”; a Primeira, Moisés; a Terceira e última, o Espiritismo (O Evangelho Segundo o Espiritismo, de Allan Kardec, Introdução e cap.I).

Diante de tantas qualidades morais e espirituais atribuídas pelo Espiritismo a Jesus, não há como admitir que Ele tenha proferido alguma palavra mentirosa. Se mentiu em alguma coisa; se não levou a sério o Seu ensino; se ensinou alguma coisa errada, então nunca foi um “Bom Espírito”, um Espírito puro. Se não confiarmos na “Segunda Revelação de Deus”, como confiáramos na “Terceira Revelação”, o Espiritismo?

Daí porque o Espiritismo deveria observar com muito cuidado as palavras de Jesus, tudo o que Ele disse, todas as verdades contidas no Seu Evangelho. Daí porque devemos também, nós evangélicos, em nossa conversa com os espíritas, fazê-los lembrar dessas premissas, do entusiasmo com que Kardec falou de Jesus e da imperiosa necessidade de levar em consideração tudo o que Ele falou.

Jesus claramente nos diz que não nos disse tudo, pois, evidentemente, não tínhamos condições nem morais nem intelectuais para entendermos, como bem vos disse (é até cansativo repetir, bem sei!)... O Espiritismo veio nos esclarecer justamente o que Jesus não pôde nos dizer e que somente no momento oportuno teríamos a capacidade para o discernimento correto das coisas. O Espiritismo, nesse sentido, veio na hora certa, quando as ciências já estavam desenvolvidas para que se pudesse constituir. Veio explicar os fenômenos de natureza supranormal, os quais os limites dessas ciências não poderiam transpor e compreender. Por outro lado, a observância do Espiritismo com relação ao Evangelho de Jesus é clara e notória na obra “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, onde suas máximas morais são postas como modelo e guia para a humanidade, visto o seu caráter universal. Kardec assevera que o Evangelho do Cristo é *“terreno onde todos os cultos podem reunir-se, estandarte sob o qual podem todos colocar-se, quaisquer que sejam suas crenças, porquanto jamais ele constituiu matéria das disputas religiosas, que sempre e por toda a parte se originaram*

das questões dogmáticas.” É importante também salientar que foi oportuno o estimado contraditor lembrar-nos de que devemos ter imperiosa consideração por tudo o que **Jesus** falou. Ótimo mesmo ter-nos lembrado disto e, dessa maneira, quero aqui registrar o nosso conselho também aos caros irmãos da causa protestante para que se atenham mais ao que o Mestre falou e não o que Paulo ou qualquer outro autor bíblico falou. Não desmerecendo Paulo, o qual reconhecemos ter sido um grande homem, mas o seu entendimento teológico sobre o ser Jesus corresponde a simplesmente a um entendimento teológico. Paulo, é bom que se diga, nem conviveu com o mestre. Os argumentos teológicos sobre o ser Jesus não constituem prova sobre o seu ser histórico. Argumentos teológicos servem apenas para assuntos teológicos, não para assuntos históricos. Por exemplo: eu posso dizer teologicamente que Elias foi para o céu numa carruagem de fogo e com isso argumentar que ele não morreu. Todavia, sabemos que esta ideia é factualmente impossível, logo, esta possibilidade só pode ser considerada teologicamente (com muita boa vontade, diga-se de passagem!) para a adaptação adogmas. Dito isto, prossigamos com a nossa análise.

Lázaro está morto

Feitas essas considerações, passemos ao caso de Lázaro. Vejamos o relato bíblico, segundo João 11.1-44.

“Então Jesus disse claramente: Lázaro está morto... “Quando Jesus chegou, já fazia quatro dias que Lázaro havia sido enterrado”... Disse Marta a Jesus: Senhor, se tu estivesse aqui, meu irmão não teria morrido. Mas ainda agora sei que tudo o que pedires a Deus, ele te concederá. Disse Jesus: Teu irmão ressurgirá. Respondeu Maria; Eu sei que ressurgirá na ressurreição, no último dia. Disse Jesus: Eu sou a ressurreição e a vida: Quem crê em mim, ainda que esteja morto, viverá. Disse ela: Sim, Senhor, creio que tu és o Cristo, o Filho de Deus, que havia de vir ao mundo”.

Perguntou Jesus [referindo-se ao cadáver de Lázaro]: “Onde o puseste? Tirai a pedra”. Disse Marta, irmão do morto: Senhor, já cheira mal, pois é o quarto dia. Então Jesus lhe disse: Não te disse que se creres verás a glória de Deus?” Após uma breve oração, Jesus clamou em alta voz: “Lázaro, vem para fora. O morto saiu, tendo as mãos e os pés enfaixados, e o rosto envolto num lenço...”.

Jesus soube primeiramente que Lázaro estava enfermo (Jo 11.3), mas passados alguns dias Jesus revelou aos discípulos que ele havia morrido. Jesus foi o primeiro a saber da morte de Lázaro, confirmada depois por Marta, Maria, e pelos judeus ali presentes (Jo 11. 21, 32, 37).

Ora, quando o Espiritismo afirma que Lázaro não morreu, mas que sofrera uma síncope, e, por ignorância da época, fora enfaixado e colocado vivo no sepulcro, faz uma afirmação inconseqüente.

Bem, diante dos seus questionamentos, vamos raciocinar tentando responder a algumas perguntas: segundo as escrituras, Jesus amava Lázaro; logo por que ele demorou tanto tempo para atender o chamado de suas irmãs? Por que Jesus disse que Lázaro estava adormecido, para depois dizer que ele estava morto? O que nos leva a entender, diante do contexto global das escrituras, que “adormecer” teria o mesmo significado que “morrer” ou “morto”? Como o que “não é para a morte” pode virar um “ser para a morte”? Ora, Jesus foi taxativo na narrativa, como já oportunamente o dissemos. Não haveria motivo para ele mesmo se desdizer alguns dias depois. Como se não bastasse, por que um relato tão incrível e extraordinário só fora registrado por volta do ano 90 D.C., passando despercebido por todos os autores dos sinópticos? Joaquim Ferreira das Neves fala-nos um pouco destes problemas:

A Ressurreição de Lázaro³

A exegese descobre algumas dificuldades na leitura significativa do texto. **A maior reside no fato do protagonista central, o doente e o morto Lázaro, nunca falar.** Ele é um humano passivo que põe em movimento as irmãs, os amigos judeus das irmãs, os discípulos de Jesus, os inimigos de Jesus e, sobretudo, o próprio Jesus. Tudo e todos giram à volta deste doente-morto. Mas nem a doença nem a morte têm direito a qualquer pronunciamento. Lázaro é a imagem do silêncio e do mistério. Em Jo 12, 1-11, este morto-vivo volta à cena por ocasião dum jantar em sua honra. Estão presentes as suas irmãs e Jesus. Maria "ungiu os pés de Jesus com uma libra de perfume de nardo puro, de alto preço, e enxugou-lhos com os seus cabelos..." (12,3). Judas reage mal, mas Jesus defende a ação "estranha" de Maria e o dinheiro do perfume nele usado, dizendo: "Deixa que ela o tenha guardado (a grande soma de dinheiro) para o dia da minha sepultura!" (12, 7). E a narrativa continua: "Um grande número de judeus, ao saber que ele (Jesus) estava ali, vieram, não só por causa de Jesus, mas também para verem Lázaro, que ele tinha ressuscitado dos mortos. Os sumos sacerdotes decidiram dar a morte também a Lázaro, porque muitos judeus, por causa dele, os abandonavam e passavam a crer em Jesus." (12, 9-11).

Havemos de concluir que é tudo muito estranho. Lázaro ressuscita depois de quatro dias de morto, dá um jantar em sua casa, convida Jesus e amigos. A sua irmã Maria, agradecida a Jesus pela vida do irmão, derrama nos seus pés um perfume muito precioso e enxuga-lhos com os seus cabelos. Geralmente, o perfume é colocado na cabeça das pessoas e não nos pés. O que significará tudo isto? E porque é que Lázaro não diz uma só palavra? E porque é que os sumos sacerdotes decidem matar Lázaro, se ele é um puro humano passivo, um puro humano instrumental nas mãos dum destino misterioso? E como é que se explica que em Jo 11, 2 se diga de Maria que "era aquela que tinha ungido os pés do Senhor com perfume e lhos enxugara com os seus cabelos", se a ação só vai acontecer algum tempo depois da morte e ressurreição de Jesus? Que prolepse é esta e que significado poderá ter?

Os comentadores também costumam apresentar outras dificuldades ou "cicatrizes" no texto.

E excepcional que as pessoas sejam nomeadas: Lázaro, Maria e Marta. Em todos os milagres de Jesus, se

exceptuarmos nos Sinópticos os nomes de Jairo (Mc 5,22) e de Bartimeu (Mc 10,46), **nunca os doentes e familiares são nomeados**. Assim acontece em João com a cura do filho do funcionário real de Cafarnaum (4,43-53), com a cura do paraplégico da piscina de Betzátá (5, 1-8) e com a cura do cego de nascença (9, 1-41). Será que João depende de Lc 10, 38-42? Não parece ser possível porque a Maria e Marta de Lucas não têm nenhum irmão chamado Lázaro e a passagem lucana só se entende na Galileia e não na Judeia. Será que os nomes de Maria, Marta e Lázaro foram acrescentados a uma narrativa de milagre primitivo, quando ainda não havia qualquer discurso explicativo? Assim pensam muitos comentadores, que defendem uma fonte joânica de milagres, à maneira dos Sinópticos, em que a narrativa do milagre obedeceria ao esquema simples e puro dos Sinópticos. Só mais tarde é que a doutrinação que aparece nos diálogos de Jesus com Marta e Maria sobre a morte e ressurreição seria acrescentada. O que se diz deste "sinal" também serve para o "sinal" da cura do paraplégico da piscina de Betzátá e respectiva doutrinação de Jesus sobre o sábado (5, 10-18) e para o sinal da cura do cego de nascença e doutrinação sobre o sábado e sobre a verdadeira luz (9, 10-41). Contrastando com estes três sinais em que a narrativa do milagre cede lugar à doutrinação, não há dúvida que o milagre da cura do filho do funcionário real (5, 43-53) não tem qualquer tipo de doutrinação e é muito semelhante ao descrito em Mt 8, 5-13 e Lc 7,1-10. Mas o sinal das bodas de Caná (2, 1-11) também nos apresenta o diálogo entre Jesus e sua mãe e entre o arquitriclino e o noivo, embora muito diferentes dos diálogos presentes nos sinais da cura do paraplégico, cego de nascença e ressurreição de Lázaro. Podemos supor uma fonte primitiva de sinal-milagre à maneira dos Sinópticos, mas não podemos construir, em nosso entender, as várias fases evangélicas, independentes do evangelho atual. Não possuímos dados textuais suficientes.

Mesmo com todos estes anos de estudos e toda a literatura a cerca deste assunto, os especialistas não encontraram solução para o desvendamento do “enigma”: *por que um relato tão incrível e extraordinário só fora registrado por volta do ano 90 D.C., passando despercebido por todos os autores dos sinópticos?*. Russel Norman Champlin nos elucida sobre algumas teorias para solucionarmos este enigma, mas que, evidentemente, não passam ainda de suposições. Todavia, como em todo estudo e análise séria, devem ser consideradas; e você, leitor, pode fazer o seu próprio julgamento. Ei-las:

As razões da tradição *liberal*. O milagre não teria sido realmente um acontecimento histórico, mas antes, uma espécie de alegoria vivida, escrita a fim de demonstrar as virtudes doadoras de vida, possuídas por Cristo, embora não deva ser aceita como uma narrativa séria, história real. Teria certo valor espiritual, demonstrando uma importante

verdade mas sem base alguma nos fatos históricos. Assim é que os evangelhos sinópticos não teriam tomado conhecimento da história, posto ser uma composição alegórica do autor do evangelho de João. Respondemos que é possível termos uma verdade espiritual destituída de alicerces históricos; mas nada parece mais claro do que o fato que este autor narra, com pormenores, um evento que realmente aconteceu, aceito como algo ocorrido na vida de Jesus. Não contamos com outro testemunho além deste do quarto evangelho; e, encontrando-nos nessa posição, não podemos encontrar melhor explicação para o fato.

1. A narrativa pode ter sido omitida pelos demais evangelistas simplesmente porque *não cabia* a mesma dentro do plano que traçaram para escrever seus respectivos livros. Admitimos que esse argumento é fraco. Parece quase certo que se os outros evangelistas tivessem conhecimento do fato, tê-lo-iam registrado.

2. Alguns têm pensado que posto que a maioria dos familiares de Lázaro sobrevivia ainda, quando os evangelhos sinópticos foram escritos, e posto que a sua família era tão significativa, devido às suas conexões com o Senhor Jesus, e posto que a igreja primitiva vinha sendo intensamente perseguida. Os autores dos evangelhos sinópticos propositalmente omitiram a história, a fim de não provocarem qualquer perseguição especial a ser infligida contra aquela família. Já o evangelho de João, por ter sido escrito mais tarde, pode conter a narrativa com toda a segurança, porque se supõe nesse caso que todos os principais participantes da narrativa já teriam morrido por essa altura dos acontecimentos. Esse é o melhor argumento de que dispomos; porém, segundo a minha opinião, *sua probabilidade* não é muito grande.

3. Os evangelhos sinópticos centralizam suas narrativas quase inteiramente no ministério de Jesus na Galileia, pelo que não contavam com material informativo acerca das atividades do Senhor Jesus na área de *Jerusalém*. Essa explicação é possível, e é difícil jogar a possibilidade da mesma. A pergunta, pois, parece continuar essencialmente sem resposta.

Quanto à natureza do milagre da ressurreição de Lázaro, diversos pontos de vista têm sido tentados, a saber:

1. O ponto de vista *racionalista*. Lázaro não teria realmente morrido, mas teria sido despertado de um transe ou de um estado cataléptico, ou de alguma forma de coma profunda, que de morte só teria tido a aparência. Naturalmente casos assim têm ocorrido; mas não é provável que o escritor tivesse escrito o detalhe que o

corpo já tinha mau cheiro, após quatro dias de sepultamento. Por semelhante modo, um corpo meramente enfermo não poderia ter sobrevivido ao processo de envolvimento e embalsamamento, que os antigos judeus usavam. Essa explicação é apresentada por aqueles que acham difícil crer no que é miraculoso, e para quem qualquer explanação é mais aceitável que um milagre qualquer. Mas nos dias que correm, quando os milagres se tornam mais comuns, tais interpretações são menos seriamente consideradas.

2. O ponto de vista *mítico*. Uma primitiva lenda cristã possivelmente baseada na história de “Lazaro” (no capítulo dezesseis do evangelho de Lucas), ou simplesmente a invenção do autor deste quarto evangelho, explicando por que razão os outros evangelhos não incluíram essa narrativa. A narrativa teria sido criada com o propósito de ensinar certas lições espirituais, por terem valor religioso, embora à própria narrativa falte qualquer base histórica.

3. O ponto de vista de *impostura ou fraude*. Que a família de Betânia, por razões desconhecidas, teria inventado a história inteira; e que o autor deste evangelho, tendo chegado a conhecê-la de alguma maneira, incluiu-a neste evangelho. Alguns estudiosos, que tomam essa posição, chegam ao extremo de afirmar que Jesus fez parte da impostura, cooperando com ela, com o propósito de engrandecer-se por meio da mesma.

4. O ponto de vista *simbólico ou alegórico*. Seria uma alegoria que demonstra como a morte pode ser vencida, embora não se trate de história que deva ser compreendida como uma ocorrência histórica, apesar de ser prenhe de valor espiritual, assim como qualquer alegoria ou parábola pode ter valor espiritual (muitas parábolas ou alegorias aparecem nos evangelhos sinópticos, duas das quais encontramos neste quarto evangelho, a saber, o Bom Pastor e a Vinha verdadeira).

5. O ponto de vista da *ocorrência histórica*. Essa é a posição tomada pela maioria dos interpretes, e certamente os interpretes de doutrina conservadora. Assim é que Phillip Schaff (*in loc.*, no Lange's Commentary) diz: “Todas essas teorias devem a sua origem à descrença no que é sobrenatural. Mas elas se neutralizam umas às outras, e nada explicam em absoluto. A única alternativa é a verdade histórica versus a ficção desonesta. A verdade histórica é abundantemente confirmada por sua própria simplicidade, vivacidade e circunstâncias da narrativa, como os quatro dias que Lázaro já havia passado sepultado (ver o vs. 39), bem como o bom senso e a honestidade moral, para dizermos o mínimo, de Lazaro e suas irmãs, do evangelista e do próprio Cristo. As explicações que admitem o elemento miraculoso em geral, podem ser classificadas nesta categoria. (CHAMPLIN, 2005a, p.

Então, meu caro articulista, tendo em vista todos esses “detalhes” a serem observados, passa longe de inconsequente a opinião de Kardec. Você pode até não concordar com a mesma, visto que diverge de sua concepção religiosa e, por isso, concepção de fé; mas a narrativa apresenta diversos problemas os quais já citamos acima.

Vejam mais o que escreveu o codificador da doutrina espírita sobre o assunto:

“A reencarnação fazia parte dos dogmas dos judeus, sob o nome ressurreição... Criam eles que um homem que vivera podia reviver, sem saberem precisamente de que maneira o fato poderia dar-se. Designavam pelo termo ressurreição o que o Espiritismo, mais judiciosamente, chama de reencarnação. Com efeito, a ressurreição dá ideia de voltar à vida o corpo que já está morto, o que a Ciência demonstra ser materialmente impossível, sobretudo quando os elementos desse corpo já se acham desde muito tempo dispersos e absorvidos. A reencarnação é a volta da alma ou Espírito à vida corpórea, mas em outro corpo especialmente formado para ele e que nada tem de comum com o antigo. A palavra ressurreição podia assim aplicar-se a Lázaro...” (O Evangelho Segundo o Espiritismo, Allan Kardec, cap IV, item 4).

Concordo com Allan Kardec quando diz que a ressurreição dá idéia da recomposição corpo-espírito (“voltar à vida o corpo que está morto”). Concordo também com o que diz sobre reencarnação, segundo o ensino espírita (“volta do Espírito em outro corpo”). Concordo também quando diz que o conceito de ressurreição se aplica a Lázaro. E então? A palavra de Jesus é incontestável. Ele declarou que Lázaro estava morto. Depois, já cheirando mal o cadáver, Ele o fez reviver. Logo, Lázaro ressuscitou. Certo como dois mais dois são quatro. Jesus, o Filho de Deus, passou por cima da Ciência. A mesma coisa aconteceu quando caminhou sobre as águas, transformou água em vinho, multiplicou pães, fez reviver o filho da viúva de Naim e a filha de Jairo, curou paráliticos, cegos, leprosos.

Vamos analisar todo item 4 (e esclarecer de vez esse ponto levantado) para que possamos entender o que Kardec quis dizer com “a palavra ressurreição podia assim aplicar-se a Lázaro”. Como o articulista retalha sempre as falas de suas fontes, temos o dever de transcrever o todo dessas falas para que todos os leitores possam refletir sobre esta técnica de persuasão, para não dizer má-fé mesmo. Assim Kardec pensou:

A reencarnação fazia parte dos dogmas dos judeus, sob o nome de *ressurreição*. **Só os saduceus, cuja crença era a de que tudo acaba com a morte, não acreditavam nisso. As ideias dos judeus sobre esse ponto, como sobre muitos outros, não eram claramente definidas, porque apenas tinham vagas e incompletas noções acerca da alma e da sua ligação com o corpo.** Criam eles que um homem que vivera podia reviver, sem saberem precisamente de que maneira o fato poderia dar-se. Designavam pelo termo *ressurreição* o que o Espiritismo, mais judiciosamente, chama *reencarnação*. Com efeito, a *ressurreição* dá ideia de voltar à vida o corpo que já está morto, o que a Ciência demonstra ser materialmente impossível, sobretudo quando os elementos desse corpo já se acham desde muito tempo dispersos e absorvidos. A *reencarnação* é a volta da alma ou Espírito à vida

corpórea, mas em outro corpo especialmente formado para ele e que nada tem de comum com o antigo. A palavra *ressurreição* podia assim aplicar-se a Lázaro, **mas não a Elias, nem aos outros profetas. Se, portanto, segundo a crença deles, João Batista era Elias, o corpo de João não podia ser o de Elias, pois que João fora visto criança e seus pais eram conhecidos. João, pois, podia ser Elias reencarnado, porém, não ressuscitado.**(KARDEC, 2013, p. 68)

Neste momento Kardec simplesmente faz uma síntese de como o povo entendia na época a ideia de ressurreição. Criam eles, por exemplo, que Jesus poderia ser Elias ou algum dos profetas ressuscitado que, pela ótica espírita, significaria no contexto reencarnado. O mestre, por outro lado, confirma João Batista como sendo Elias. Arrematando, Kardec diz acima que o corpo de João Batista não poderia ser o de Elias, visto que ele fora visto quando criança e seus pais eram conhecidos. Enfim, é bastante claro que Kardec apenas faz uma analogia das acepções dos vocábulos “Ressurreição” e “Reencarnação” e demonstra que tais entendimentos eram sinônimos para os judeus que não os saduceus.

Agora, veja e reflita caro leitor, que existe uma notória tentativa do articulista em induzir um entendimento equivocado por parte dos leitores de seu site, o que, eticamente, só por este motivo, poderíamos considerar inválida a sua análise.

Quanto às seguintes elucubrações do estimado articulista, já as respondemos. O corpo de qualquer ser humano cheirar mal durante o coma, principalmente em tal época, é incontestavelmente comprovado pela ciência e, dessa maneira, concorde com as Leis Divinas. A lógica de Kardec também está correta quando diz que Marta supôs que o “cadáver” já cheirava mal, porquanto já estava “enterrado”. Jesus diz que Lázaro está morto, porém, anteriormente diz que ele tinha adormecido e que a sua doença não era para morte. A não ser que o significado de morte nesses dois momentos seja diferentes, não é mesmo? Se assim o é, a qual fonte devemos recorrer para que se justifique tal entendimento? Muito estranho isso.

Jesus não “passou por cima da ciência”; os teólogos é que passaram por cima da realidade dos fatos e os mistificaram para a defesa de suas idiosincrasias e dogmas religiosos. Mas, reconhecendo que Jesus tenha feito os enumerados milagres citados pelo prezado articulista, devemos também considerar que alguns outros semideuses anteriores e até contemporâneos a Jesus tenham feito tais milagres. Ou não? A história atesta isto, não é invenção e nem vou citá-los para que o texto não fique ainda mais cansativo⁴.

O Espiritismo não pode admitir a ressurreição de Lázaro pelos seguintes motivos: (a) admiti-la implicaria em aceitar também a ressurreição corporal de Jesus, (b) em acatar as demais ressurreições bíblicas, (c) e em admitir a possibilidade de uma ressurreição coletiva na Segunda vinda de Jesus (1 Ts 4.16-17). As evidências dessas ressurreições e a promessa de uma ressurreição coletiva na volta de Jesus colocam em xeque-mate a crença reencarnacionista, coluna vertebral do kardecismo. Na reencarnação o espírito volta em outros corpos; na ressurreição, o espírito retorna ao corpo original.

O Espiritismo não pode admitir a ressurreição de Lázaro por todos os motivos citados acima. Admitir tal fato, seria admitir que as leis de Deus são mutáveis, o que é um contra-senso. Aliás, se admitirmos por um momento que essas ressurreições, de fato, existiram, então todas essas

⁴Para mais informações acessar <http://verdadeoculta.freehostia.com/relib.htm>

personagens morreram duas vezes, logo tiveram dois julgamentos, uma vez que, segundo a Bíblia quando se morre segue-se o juízo. E, a título de informação, a reencarnação não é um conceito inventado pelo Espiritismo. A reencarnação é uma lei natural, ideia presente em diversos povos muito anteriores historicamente ao surgimento do mesmo. Também devemos dizer que “Kardecismo” não existe, o “Espiritismo”, este sim, existe. A doutrina não é de Kardec, mas sim dos Espíritos.

A ressurreição de Lázaro é o que há de mais claro na Bíblia, e tem uma história: Lázaro ficou enfermo; faleceu; foi colocado no jazigo, onde passou quatro dias; sua irmã Marta disse que o corpo estava em estado de decomposição, pois “já cheirava mal”. Além disso, temos o atestado de óbito do insuspeito Jesus, que declarou com todas as letras: LÁZARO ESTÁ MORTO (Jo 11.14). A Bíblia diz que essa afirmação de Jesus foi de forma clara.

Por Jesus ter dito que “Esta enfermidade não é para morte”, a ressurreição de Lázaro não é tão clara como vimos. Apenas o é para aqueles que já estão condicionados à aceitá-la. Um exame mais crítico e apurado faz com que essa crença seja desmistificada pela realidade dos fatos, a lógica e o bom senso.

O inconsistente argumento segundo o qual Lázaro sofrera de um ataque epilético não pode prevalecer. Se válido tal raciocínio, deveríamos considerar que os judeus não faziam a menor diferença entre um corpo vivo e um corpo morto. Teríamos de negar as seguintes ressurreições e admitir que essas pessoas estavam vivas, e que, nos casos a seguir, Jesus, Elias, Eliseu, Pedro e Paulo ressuscitaram quem não havia morrido:

Mas é claro que os Judeus não tinham o aparato científico necessário da medicina para realizar vários diagnósticos! Os conhecimentos de diversos povos antigos eram rudimentares com relação a diversas coisas! Quantas pessoas não foram enterradas vivas sem o diagnóstico correto?! É, primeiramente, lógico tal pensamento, até porque nem mesmo especialistas contemporâneos conseguiram fazê-lo corretamente em algumas oportunidades. Só com o desenvolvimento da medicina que esses diagnósticos ganharam uma probabilidade ínfima de erro.

O filho da viúva de Serepta, ressuscitado pelo profeta Elias (1Rs 17.19-22); o filho da sunamita, ressuscitado pelo profeta Eliseu (2 Rs 4.32-35); a filha de Jairo, por Jesus (Mc 5.21-23, 35-41); o filho da viúva de Naim, por Jesus (Lc 7.11-17); a discípula chamada Tabita, por Pedro (At 9.36-43); uma ressurreição coletiva logo após a morte de Jesus (Mt 27.52); a ressurreição do jovem Êutico, pelo apóstolo Paulo (At 20.9).

Portanto, caros leitores, fica mais uma vez demonstrado que falta aos nossos adversários um exame mais consciencioso sobre as realidades bíblicas e espíritas. Não que a doutrina espírita careça de evidências da Bíblia para que seus axiomas e teses sejam comprovadas. Não, a Bíblia é por nós utilizada na medida em que a usam contra nós. O Espiritismo, como já o dissemos diversas vezes, pauta-se na ciência e na filosofia para que, conseqüentemente, seus reflexos morais apareçam, sendo estes os mais importantes.

O que vimos foi uma junção de retalhos das obras da codificação com o objetivo de persuadir os leitores do referido site a tomarem conclusões precipitadas. A má-fé, num diálogo sério, não pode-se entranhar aos argumentos de qualquer uma das partes. A verdade sempre vem, cada um tem seu tempo. Enquanto isso, a quem tiver “ouvidos de ouvir” e “olhos de ver”, vejam e ouçam.

Túlio Luiz Santos Pereira Henriques
Julho / 2014

Referências Bibliográficas:

- CHAMPLIN, R. N. Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia. Vol. 3. São Paulo: Hagnos, 2005a
- KARDEC, A. *A Gênese*. SP: IDE, 2008
- KARDEC, A. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Brasília: FEB, 2013
- NEVES, J. C. *Ressurreição de Lázaro*. Disponível em <http://sophia.hyperlogos.info/tiki-index.php?page=Ressurrei%C3%A7%C3%A3o+de+L%C3%A1zaro>, acesso em 27.06.2014.
- PASTORINO, C. T. *Sabedoria do Evangelho - Volume 6*. Rio de Janeiro: Sabedoria, 1969